

DETERMINANTES PSICOSSOCIAIS NO PERCURSO ACADÉMICO: ESTUDO COM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

Beatriz Rodrigues Araújo, Margarida Silva Vieira, Aida Silva Fernandes e Luis Octávio Sá

Universidade Católica Portuguesa - Instituto de Ciências da Saúde – Porto/Portugal

baraujo@porto.ucp.pt

Resumo: No âmbito da investigação nacional e internacional sobre a qualidade das vivências académicas dos estudantes do Ensino Superior, este estudo analisa as relações entre as vivências académicas e os níveis de ansiedade dos estudantes que frequentam a Licenciatura em Enfermagem. Neste contexto, tomamos uma amostra constituída por 289 estudantes da Universidade Católica Portuguesa, tendo-se aplicado o *Questionário das Vivências Académicas versão reduzida (QVA-r)* e o *Inventário Estado-traço de Ansiedade (STAI Y-1 e Y-2)*. Os resultados sugerem que os estudantes com maiores índices de adaptação académica ao Ensino Superior apresentam níveis menores de ansiedade, sendo a subescala “Pessoal” das vivências académicas aquela que apresenta correlação mais forte com as dimensões da Ansiedade (estado e traço). Assim, podemos antecipar que as vivências relativas ao bem-estar físico e psicológico se encontram significativamente relacionadas com os níveis de ansiedade experienciados pelos alunos. Finalmente, analisando os dados obtidos consoante algumas variáveis pessoais dos alunos (género e ano curricular), verifica-se que a adaptação académica dos estudantes ao Ensino Superior e os seus níveis de ansiedade variam em função do ano de curso. Estes dados sugerem o interesse de intervenção psico-socio-educativa junto dos alunos, principalmente junto daqueles que experienciam maiores dificuldades nas suas vivências e adaptação académica.

Palavras-chave: Ansiedade traço; Ansiedade estado; Estudantes de enfermagem; Ensino Superior.

Introdução

A entrada no Ensino Superior parece comportar desafios e riscos, dos quais podemos salientar: (i) a separação da família e do grupo de amigos; (ii) as condições de habitação e o tipo de alimentação (a vida em residência universitária ou em quarto partilhado e a aceitação de crenças e valores que não os da família); (iii) o grau de autonomia proporcionado na aprendizagem (novos métodos de estudo e de avaliação); (iv) a maior autonomia na gestão do tempo e dos recursos económicos; (v) a estruturação curricular; (vi) o sistema de ensino-aprendizagem caracterizado pela menor proximidade relacional e menor troca de informações professor-aluno, apelando a níveis de maturidade e a competências mais elevados; (vii) o estabelecimento de novos relacionamentos (as relações com: os professores, os funcionários, os colegas, as pessoas significativas e a família); (viii) as perspectivas de carreira e (ix) as instituições com estruturas, organizações

e funcionamentos complexos (Admi, 1997; Almeida, 2007; Almeida, Vasconcelos e Monteiro, 2008; Araújo, Almeida & Paul, 2003; Davies, Rutledge, e Davies, 1997; Cerchiari, 2004; Baker & Schultz, 1992; Bento & Ferreira, 1997; Bireaud, 1990; Chickering e Reisser, 1993; Cone & Owens, 1991; Fleming, 1993; Grayson, 1993; Pascarella & Terenzini, 2005; Tinto, 1987; Soares, 2003; Zabalza, 2007). Tudo isto pode conduzir os estudantes mais frágeis a situações de isolamento, solidão, conflitos nas relações com os pais e com os colegas, abuso de álcool ou de outras substâncias psicoactivas, desinteresse, ansiedade, mal-estar ou solidão e até de depressão (Alva, 1998; Bishop, 1990; Fisher, 1994; Grayson, 1999; Neto & Barros, 2000; Spielberger, Charles, Sarason e Irwin, 1996; Stone & Archer, 1990).

A ansiedade constitui uma variável que interfere com o desempenho dos estudantes de enfermagem. Estes lidam com situações *stressantes*, às quais podem reagir com ansiedade que em regra, maximiza os sentimentos de insegurança e opressão intrínsecos ao papel do estudante (Cerchiari, 2004; Oliveira, 2000). Na pessoa do estudante confluem simultaneamente vários papéis, cuja compatibilização – entre as lógicas didáctica, heurística e da produção – constitui um esforço de adaptação pessoal que eventualmente poderá funcionar como interveniente no bem-estar pessoal e por isso, *stressante*. Foram identificados por Mancini e Col. (1983) *stressores* que actuam, quer nos enfermeiros quer nos estudantes de enfermagem, provocando ansiedade, tendo sido considerados os principais: o conflito com os pares, o pessoal insuficiente, o lidar com a morte, o conflito com os médicos e o excesso de trabalho. No entanto, Rukholm e Viverais (1993) apontam ainda como variáveis interferentes no nível de ansiedade nos estudantes de enfermagem, a idade e o estado civil. Dos tipos de ansiedade, a mais presente será a ansiedade estado, já que em estudos efectuados sobre o desenvolvimento da personalidade durante o curso de enfermagem se concluiu que os estudantes de enfermagem apresentavam uma ansiedade traço reduzida. Por seu lado, Kushnir (1986) em trabalhos realizados com vista a conhecer os efeitos da presença e acções dos professores no comportamento dos estudantes de enfermagem, concluiu que os estudantes tendem a perceber os professores principalmente como avaliadores, o que os torna fonte de stress e ansiedade. Também Fontaine (1989:245) refere que os estudantes de enfermagem que estão a iniciar a sua experiência clínica em enfermagem de saúde mental estão frequentemente ansiosos. Do mesmo modo, o primeiro estágio num hospital foi identificado por Admi (1997) como uma área de maior ameaça para os estudantes de enfermagem. Por seu lado, os estudantes referem que a ansiedade associada a situações de teste se traduz em diferentes estados de medo, tensão, contracção muscular, cefaleias, náuseas, e reduz a sua capacidade de pensar claramente. A maioria dos estudantes tem capacidade de resolver bem os testes, mas, devido à ansiedade muitos deles falham no desempenho, num nível adequado às suas capacidades intelectuais e inteligência (Sachwarter & Jerusalém, 1992).

A enfermagem é reconhecida como uma profissão sujeita a situações *stressantes* e desencadeadoras de estados de ansiedade, tem sido alvo de diferentes pesquisas por diversos focos de atenção e por outros profissionais. Alguns autores detectaram a existência de várias características evidenciáveis de ansiedade em

estudantes de enfermagem, algumas em maior, outras em menor intensidade, entre elas a angústia, taquicardia, distúrbios gastrointestinais, entre outras (Admi, 1997; Espiney, 1997; Mahat, 1996; Oliveira, 2000; Pagana, 1990). Num estudo, realizado sobre a ansiedade dos estudantes de enfermagem, diante da prática de habilidades psicomotoras, foram confirmados níveis mais elevados de ansiedade no início do estágio e, mesmo assim, constataram melhor desempenho nessa fase (Carvalho, Farah e Galdeano, 2004). Assim, os estudantes de Enfermagem apresentam-se como um grupo potencialmente debilitado a situações de *stress* e ansiedade, muito em parte pela extensa componente de prática clínica no percurso académico. A prática clínica é preditora de estados de ansiedade, na medida em que exige dos estudantes uma constante disposição para a aprendizagem. As pressões internas (desejo de melhor desempenho, por exemplo) e as pressões externas (pressão pelos docentes, pais e colegas, instituição, entre outras) podem levar a um aumento dos níveis de ansiedade.

A formação em enfermagem em contexto escolar e de prática clínica, parece reunir condições passíveis de serem consideradas como ansiogénicas e/ou *stressantes* pelos estudantes, no que se reporta a: (i) questões de natureza interpessoal, e entre estas, sobretudo, dificuldades de relacionamento com os professores, os utentes e os orientadores de estágio; (ii) dificuldades em assumir um novo papel; (iii) inseguranças nos procedimentos ou sentimentos de incompetência; (iv) avaliações teóricas e de ensino clínico/estágio; (v) questões relacionadas com os procedimentos técnicos; (vi) dificuldade em lidar com a dor, o sofrimento e a morte; (vii) medo do novo e do imprevisto; (viii) gestão do tempo para o estudo; (ix) carga de trabalho imposta e falta de tempo para a satisfazer; (x) assunção de responsabilidade; (xi) confronto entre o esperado ou idealizado e a realidade; (xii) dificuldades na adaptação à escola e ao contexto de prática clínica; e (xiii) dificuldades de ajustamento à enfermagem como profissão (Araújo, 2005; Oliveira, 2000; Sousa, 1999; e Valadas, 1995).

Enquanto docentes, participantes activos de um percurso formativo, quisemos, na Universidade Católica, conhecer as relações entre os níveis de ansiedade dos estudantes que frequentam a Licenciatura em Enfermagem com as vivências académicas e algumas variáveis psicossociais. Procuramos informação que nos permita agir em duas componentes: na melhoria da integração dos estudantes na Universidade, incentivando-os a desenvolverem formas adaptativas de lidar com a ansiedade e, por outro lado, preparando-os melhor para o início do exercício de uma profissão, que pelas suas características, como atrás se disse, é uma profissão stressante e desencadeadora de estados de ansiedade.

Método

Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 289 estudantes dos quatro anos da Licenciatura em Enfermagem, no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, do Centro Regional do Porto. Destes 75 (26%) pertencem ao 1º Ano, 71 (24,6%) ao 2º Ano, 87 (30,1%) ao 3º Ano e 56 (19,4%) ao 4º Ano.

Quanto ao género, a nossa amostra é composta maioritariamente por estudantes do sexo feminino (81,7%). A média de idades é de 21,5 anos e o desvio-padrão é de 2,29. A maioria dos estudantes pertence ao nível socioeconómico elevado e médio (28,7% e 26,6% respectivamente). Para 246 (85,1%) estudantes a entrada no curso não pressupôs a sua saída de casa. Dos 43 que saíram de casa a maioria são do sexo feminino (33).

Instrumentos

Os dados relativos à adaptação académica foram obtidos através da aplicação do *Questionário de Vivências Académicas*, versão reduzida (QVAr), da autoria de Almeida, Ferreira e Soares (2001). Trata-se de um questionário de auto-relato constituído por 60 itens, distribuídos por cinco dimensões: a pessoal (inclui os itens associados essencialmente ao *self* e às percepções de bem-estar, tanto físico como psicológico, por parte do estudante), a interpessoal (permite avaliar o relacionamento com os pares e o estabelecimento de relações mais íntimas, assim como aspectos relativos ao envolvimento em actividades extracurriculares), a carreira (envolve a adaptação ao curso, ao projecto vocacional e as perspectivas de carreira), o estudo (inclui as competências de estudo (métodos de estudo) do estudante, os hábitos de trabalho, a gestão do tempo, a utilização da biblioteca e de outros recursos de aprendizagem.) e institucional (inclui o interesse pela instituição, o desejo de nela prosseguir os seus estudos, o conhecimento e a percepção da qualidade dos serviços e estruturas existentes).

A avaliação do Estado e do Traço de Ansiedade foi realizada através da administração do *Inventário Estado-traço de Ansiedade* (State-Trait Anxiety Inventory, Form Y- STAI Y-1 e STAI Y-2) de Spielberger (1983) e Spielberger e Sydeman (1994). É um instrumento de auto-relato pessoal, constituído por duas escalas de vinte itens com o objectivo de se medir de forma mais refinada a ansiedade, e que possibilita uma base mais consistente de discriminação entre sentimentos de ansiedade e de depressão e de diagnóstico diferencial entre indivíduos com perturbações de ansiedade e de indivíduos com reacções depressivas. Este inventário foi testado para a população portuguesa em estudantes do Ensino Superior (Silva e Correia, 1997; Silva e Campos, 1999).

Procedimentos

A aplicação do *Questionário de Vivências Académicas* (QVAr) e do *Inventário Estado-traço de Ansiedade* (STAI Y-1 e STAI Y-2) aconteceu no fim do segundo semestre do ano lectivo 2009/2010, após prévia permissão dos professores. Assim, a aplicação das escalas ocorreu de forma colectiva, num único período lectivo destinado a aulas teórico-práticas com um nível mais elevado de presença de estudantes. Procurou-se assegurar a privacidade, face à delicadeza de algumas questões, assegurando algum espaço entre os estudantes durante o preenchimento dos questionários.

Os dados foram analisados a partir do SPSS para Windows, versão 19.0.

Resultados

Para a análise da relação entre as vivências académicas e os níveis de ansiedade dos estudantes dos quatro anos da Licenciatura em Enfermagem, recorreremos ao cálculo do coeficiente de correlação (*r* de *Pearson*) entre os níveis de adaptação e de ansiedade dos 228 estudantes da Licenciatura em Enfermagem que constituem a nossa amostra. No Quadro I apresentamos os coeficientes de correlação de *Pearson* entre os valores nas dimensões do *Questionário de Vivências Académicas* (QVA-r) e do *Inventário Estado-traço de Ansiedade* (STAI Y-1 e STAI Y-2).

Quadro I – Correlação entre as subescalas do QVA-r e do STAI Y-1 e STAI Y-2

Subescalas	STAI Y-2	STAI Y-1	Interpessoal	Carreira	Institucional	Pessoal
STAI Y-1	,760**					
Interpessoal	-,443**	-,349**				
Carreira	-,426**	-,324**	,405**			
Institucional	-,303**	-,233**	,329**	,415**		
Pessoal	-,702**	-,633**	,518**	,418**	,290**	
Estudo/Curso	-,512**	-,390**	,446**	,582**	,455**	,519**

**p: .01

Da análise dos resultados obtidos, observamos que os valores das subescalas do QVA-r variam em sentido inverso aos valores do STAI Y-1 e Y-2 com significado estatístico, destacando-se os coeficientes de correlação mais elevados entre a dimensão Pessoal e a ansiedade traço ($r=-.702$) e com a dimensão ansiedade estado ($r=-.633$). Pois, estudantes com percepções elevadas de bem-estar, tanto físico como psicológico poderão apresentar níveis baixos de ansiedade, quer estado quer traço. Resultado idêntico se pode depreender das outras dimensões.

Face à correlação entre as escalas STAI Y-1 e Y-2, quisemos saber o valor preditivo dos níveis de adaptação académica e das variáveis sócio-vocacionais (nível socioeconómico, ano do curso e deslocação da área de residência) exercido sobre a ansiedade estado e ansiedade traço. Optamos, então, pela análise de regressão linear múltipla, com o procedimento *stepwise*, para analisarmos o impacto da adaptação académica (5 subescalas do QVA-r) e das variáveis sócio-vocacionais (nível socioeconómico, ano do curso e deslocação da área de residência) na ansiedade dos estudantes dos quatro anos do curso. Assim, tomamos a amostra ($n=289$) considerando em primeiro lugar como variável dependente a ansiedade estado e por fim, a ansiedade traço.

No Quadro II apresentamos os resultados da análise de regressão, tomando como variável dependente a ansiedade estado e como variáveis independentes, as subescalas do QVA-r, o nível socioeconómico, o ano do curso e a deslocação da área de residência.

Quadro II - Análise de regressão da ansiedade estado e das subescalas do QVAr, do nível socioeconómico, do ano do curso e da deslocação dos estudantes da amostra.

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	F	gl	Prob.
1	.63 ^a	.40	.40	191.74	288	.00

a. Predictores: (Constante), Dimensão Pessoal

Da análise dos resultados constantes do Quadro II, verificámos que para a amostra em estudo, como o factor com maior poder preditivo, a dimensão Pessoal é a única variável a entrar na equação de regressão, explicando 40% da variância na variável ansiedade estado ($R^2=.40$; $F=191.74$; $gl=288$; $p=.00$).

Seguidamente apresentamos no Quadro III os resultados da análise de regressão, tomando como variável dependente a escala ansiedade traço e como variáveis independentes, as subescalas do QVAr, o nível socioeconómico, o ano do curso e a deslocação da área de residência.

Quadro III - Análise de regressão da ansiedade traço e das subescalas do QVAr, do nível socioeconómico, do ano do curso e da deslocação dos estudantes da amostra.

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	F	gl	Prob.
1	.69 ^a	.47	.47	176.49	201	.00
2	.71 ^b	.50	.50	100.82	201	.00
3	.72 ^c	.52	.51	70.10	201	.00
4	.73 ^d	.53	.52	55.11	201	.00

a. Predictores: (Constante), Dimensão Pessoal

b. Predictores: (Constante), Dimensão Pessoal, Dimensão Estudo/Curso

c. Predictores: (Constante), Dimensão Pessoal, Dimensão Estudo/Curso, Ano que frequenta

d. Predictores: (Constante), Dimensão Pessoal, Dimensão Estudo/Curso, Ano que frequenta, Dimensão Institucional

A leitura dos resultados do Quadro III, permite-nos constatar que para este grupo de estudantes a dimensão Pessoal, é o factor com maior poder preditivo, é a primeira variável a entrar na equação de regressão, explicando 47% da variância na variável ansiedade traço ($R^2=.47$; $F=176.49$; $gl=201$; $p=.00$). Na equação de regressão final, para este grupo, entram as variáveis com maior impacto na ansiedade traço e que se relacionam com as dimensões Pessoal, Estudo/Curso e Institucional e o ano do curso. Estas variáveis, no seu conjunto, explicam 53% da variância de resultados da ansiedade traço ($R^2=.53$; $F=55.11$; $gl=201$; $p=.00$).

Tomando uma ou outra escala da ansiedade, só a subescala “Pessoal” se mantém, embora com pesos divergentes. Neste contexto, as variáveis associadas à ansiedade, quando consideramos as duas vertentes referem-se à média das subescalas “Pessoal”, “Estudo/Curso”, “Institucional” e o ano do curso. Este conjunto de valores sugere que a ansiedade, para além de associada à dimensão “Pessoal”, não é independente de algumas variáveis do processo de adaptação académica dos estudantes, sobretudo em aspectos mais relacionados com uma dimensão institucional, assim como com variáveis mais ligadas ao curso e ao próprio processo de ensino.

Seguidamente para verificarmos a relação entre as variáveis género e as vivências académicas e os níveis de ansiedade, constituímos dois grupos de estudantes (G 1 - masculino e G2 - feminino) e procedemos à

comparação das respectivas médias nas subescalas do QVA-r e escalas do STAI Y-1 e STAI Y-2 (t-test para amostras independentes).

Quando relacionadas as subescalas do QVA-r e as escalas do STAI Y-1 e STAI Y-2 com o género, não observamos diferenças estatisticamente significativas. O mesmo procedimento foi realizado para o estudo de comparação de médias (t-test para amostras independentes) entre o estatuto de mobilidade dos estudantes e as subescalas do QVA-r e escalas do STAI Y-1 e Y-2, tendo-se constatado, também, a inexistência de diferenças com significado estatístico.

Para verificarmos se a adaptação académica e a ansiedade dos estudantes se alteram em função do ano de curso que frequentam, constituímos quatro grupos (1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º ano) e procedemos à comparação das respectivas médias nas subescalas do QVA-r e escalas do STAI Y-1 e Y-2 (One Way ANOVA). No Quadro IV apresentamos os valores (frequência, médias, desvios-padrão) das subescalas do QVA-r e escalas do STAI Y-1 e Y-2 em função desses quatro grupos.

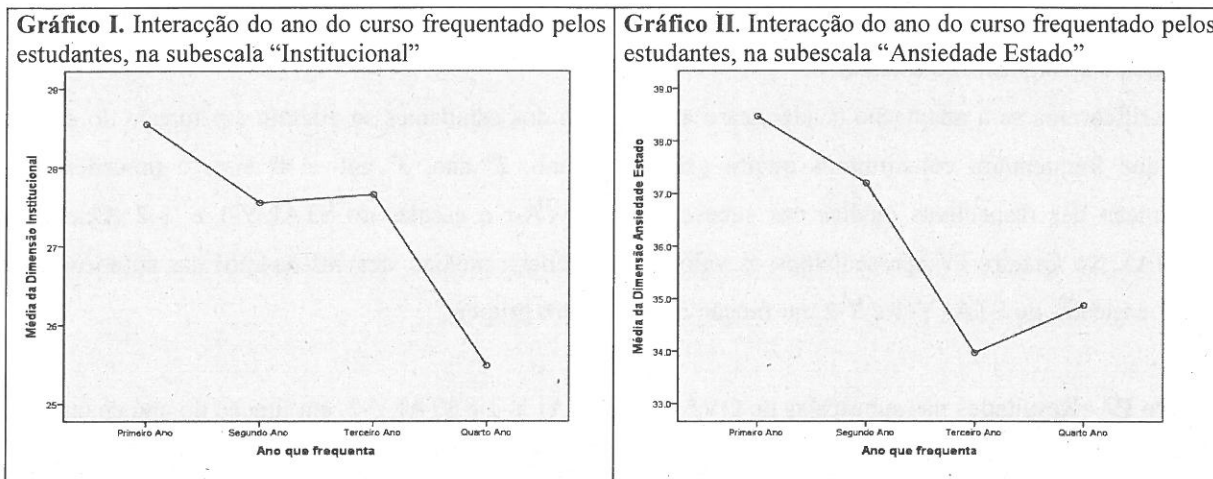
Quadro IV - Resultados nas subescalas do QVA-r e do STAI Y-1 e STAI Y-2 em função do ano de curso

Subescalas	Ano do curso											
	1ºAno			2ºAno			3ºAno			4ºAno		
	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N	M	DP
Institucional	75	28.6	4.77	71	27.6	3.96	87	27.7	4.48	56	25.5	4.88
Carreira	75	51.2	7.54	71	51.4	7.28	87	53.2	8.93	56	52.3	6.92
Pessoal	75	47.3	8.46	71	47.8	9.48	87	50.6	9.02	56	49.0	8.39
Interpessoal	75	50.0	7.44	71	47.9	7.96	87	49.7	7.96	56	50.0	6.03
Estudo/Curso	75	46.2	7.04	71	46.4	5.55	87	47.7	7.10	56	48.5	6.04
STAI Y-1	75	38.5	10.76	71	37.2	10.78	87	34.0	11.08	56	34.9	9.75
STAI Y-2	75	39.7	8.82	71	38.2	11.10	87	34.5	8.60	56	34.5	8.37

Observando os valores do Quadro III, constatamos que nas cinco subescalas do QVA-r, os valores das médias obtidas pelos grupos considerados são superiores ao valor intermédio (determinado a partir do cálculo do produto entre o número de itens e o valor médio de resposta na escala *likert*) tomado para cada uma das subescalas. Por seu lado, os estudantes independentemente do ano de curso, apresentam valores de ansiedade em média inferiores ao ponto intermédio na escala, “Ansiedade-estado”, “Ansiedade-traço”.

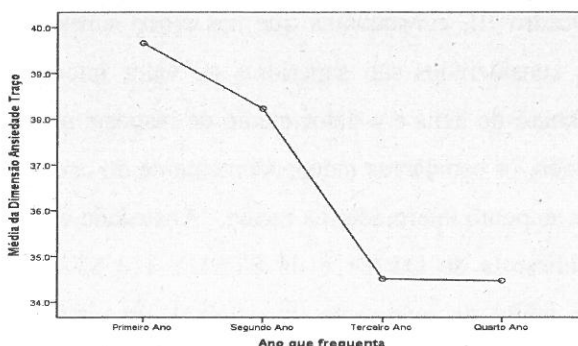
Analisando os valores por subescala do QVA-r e do STAI Y-1 e STAI Y-2 resultantes da análise de variância, verificámos que o efeito de interacção da variável em presença (ano do curso) se revelou estatisticamente significativo ($F= 5,08$; $p=,002$) na subescala “Institucional” e Ansiedade Estado ($F= 2,88$; $p=,036$) e Traço ($F= 5,87$; $p=,001$). Olhando os valores da média cruzando a variável “Institucional”, verificámos que os estudantes que frequentam o primeiro ano obtiveram um valor médio superior ($M=28,6$) comparativamente aos estudantes do 4º ano que apresentam a média mais baixa ($M=25,5$). Este efeito de interacção da variável está representado no Gráfico I.

Situação idêntica verifica-se na subescala “Ansiedade-Estado”, ($F=3,119$; $p=,024$), e “Ansiedade-Traço” ($F=3,078$; $p=,028$). Relativamente à “Ansiedade-Estado”, os estudantes do 1º ano obtiveram um valor médio superior ($M=38,5$) comparativamente aos estudantes do 3º ano que apresentam a média mais baixa ($M=34$). Este efeito de interacção da variável está representado no Gráfico II.



Comentando os valores da média cruzados com a variável “Ansiedade-Traço”, verificámos que os estudantes do 1º ano de curso obtiveram um valor médio superior ($M=39,7$) comparativamente aos estudantes dos terceiro e quarto anos que apresentam a média mais baixa ($M=34,5$). De salientar que ao longo dos quatro anos de curso verifica-se um decréscimo progressivo da média relativa a esta subescala. Este efeito de interacção da variável está representado no Gráfico III.

Gráfico III. Interacção do ano do curso frequentado pelos estudantes, na subescala “Ansiedade-Traço”



Por outro lado, em todas as demais subescalas não parece que o ano de curso interfira com as vivências académicas mais adaptativas “Interpessoal” ($F=1,281$; $p=,281$), “Pessoal” ($F=2,208$; $p=,087$), “Carreira” ($F=1,105$; $p=,347$) e “Dimensão Estudo/Curso” ($F=1,906$; $p=,129$). Por seu lado, as vivências mais afectas à variável ano de curso relacionam-se com: as subescalas “Institucional”, “Ansiedade-Estado” e “Ansiedade-traço”.

Discussão e conclusões

Na nossa pesquisa as vivências académicas, dos estudantes dos quatro anos da Licenciatura em Enfermagem, influenciam os níveis de ansiedade na nossa amostra. Valores elevados de adaptação ao Ensino Superior traduzem-se em valores baixos de ansiedade. As vivências relacionadas com o bem-estar físico e psicológico apresentam-se como as que mais influência tem sobre a ansiedade.

Quando comparamos as vivências académicas e a ansiedade com o género e o estatuto de mobilidade dos estudantes de Enfermagem, verificamos que estas variáveis não têm influência significativa na adaptação académica e na ansiedade ao longo da frequência do curso da Licenciatura em Enfermagem.

Ao longo do seu percurso académico, os estudantes experienciam diferentes vivências académicas e diferentes tipos e níveis de ansiedade, que podem estar relacionados com as estratégias pedagógicas, modelo de formação e áreas curriculares de cada ano. Assim, podemos afirmar que para esta amostra a adaptação e frequência do Ensino Superior e a ansiedade variam de acordo com o ano de curso, sendo o primeiro ano, aquele que gera maiores níveis de ansiedade relacionada com a personalidade e valores mais elevados de adaptação à instituição.

Encontramos neste estudo como variáveis preditoras da ansiedade estado e traço as dimensões adaptativas dos estudantes, sobretudo em aspectos mais relacionados com as dimensões Pessoal ou de identidade, institucional, assim como com variáveis mais ligadas ao curso (Estudo/Curso e ano do curso) e ao próprio processo de ensino (as orientações da Declaração de Bolonha em termos dos objectivos dos cursos e em termos das práticas de ensino), aprendizagem e avaliação no ensino superior (Almeida, 2007; Almeida, Vasconcelos e Monteiro, 2008; Davies et al., 1997; Stoyhoff, 1996; Zabalza, 2007; e Zimmerman, 1998).

Estes resultados relativos a estudantes dum curso profissionalizante de carácter multifacetado, caracterizam-se pela novidade, imprevisibilidade, ansiedade, eminência de uma situação nova que poderá estar sempre emergente, particularmente, em ensino clínico e/ou estágio (Admi, 1997; Araújo, Almeida e Paúl, 2003; Baker & Schultz, 1992; Iwasiw & Goldenberg, 1993; Jones & Johnston, 1997; Kleehamer, Hart & Keck, 1990; Mahat, 1996; Oliveira, 1998, 2000; Valadas, 1995).

O estudo de Cerchiari (2004) salienta que o processo de aprendizagem em Enfermagem é stressante para os estudantes, provocando sofrimento psíquico, o que é reforçado por uma maior prevalência nas experiências de ansiedade, irritação, impaciência, cansaço e sobrecarga, entre outros.

Do nosso estudo, podemos concluir que a ansiedade não se mostra associada às variáveis psicossociais analisadas (sexo e estatuto de mobilidade). Mesmo os estudantes que, para estudar, se afastam do contexto psicossocial em que se encontravam, não revelam ansiedade comparados com os que não mudam. Este achado pode levar-nos a pensar que estes estudantes, não obstante os valores relativos de ansiedade elevada, se sentem bem enquadrados no contexto da Universidade Católica. O mesmo não se poderá dizer quanto ao ano que frequentam. A adaptação a uma nova realidade parece ser exigente, em termos do desenvolvimento de ansiedade. Também nos parece que o facto de a ansiedade ir diminuindo ao longo do curso, pode revelar

que estes estudantes desenvolvem estratégias adaptativas favoráveis, que lhe permitem chegar ao final da sua formação, menos sobrecarregados em termos de ansiedade e mais reforçados em termos de estratégias de adaptação. Apesar disso, porque a enfermagem é reconhecida como uma profissão sujeita a situações *stressantes* e desencadeadoras de estados de ansiedade intensa, julgamos ser importante a sensibilização dos estudantes ao longo do curso, incentivando-os a desenvolverem formas adaptativas de lidar com a ansiedade que encontrarão no exercício da sua profissão.

Referências

- Admi, H. (1997). Nursing Student's Stress During the Initial Clinical Experience "Journal of Nursing Education" Vol.36(7), 323-327.
- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação académica e êxito escolar no ensino superior. Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación, 14, 203-215.
- Almeida, L. S., Vasconcelos, R. & Monteiro, S. (2008). O estudo dos alunos em função dos métodos de ensino dos professores: Análise em alunos universitários. In J. A. Gonzalez-Pienda & J. C. Núñez-Peréz (orgs.), Actas do V Congreso Internacional "Psicología y Educación: Los retos del futuro". Oviedo: Universidad de Oviedo, 1060-1069.
- Alva, S. A. (1998). Self-reported alcohol use of college fraternity and sorority members. Journal of College Student Development, 39 (1), 3-10.
- Araújo, B. R., Almeida, L. S. & Paul, M. C. (2003). Transição e adaptação académica dos estudantes à Escola de Enfermagem. Revista Portuguesa de Psicossomática, 1(5) 56-64.
- Araújo, B: R. (2005). Vivências, satisfação e rendimento académicos em estudantes de Enfermagem. Dissertação de doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Baker, R. W., & Schultz, K. L. (1992). Experiential counterparts of test-indicated disillusionment during freshman adjustment to college. *NACADA Journal*, 12(2), 13-22.
- Bento, F. & Ferreira, J. A. (1997). Auto-conceito e participação social do estudante do ensino superior. In Actas da Conferência Internacional " A Informação e a Orientação Escolar e Profissional no Ensino Superior: Um Desafio da Europa". Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Bireaud, A. (1990). Les méthodes pédagogiques dans l'enseignement supérieur. Paris : Les Ed. d' Organization.
- Bishop, J. B. (1990). The university counseling center: Na agenda for the 1990s. Journal of Counseling and Development, 68, 408-413.
- Carvalho R, Farah OGD, Galdeano LE. Níveis de ansiedade de alunos de graduação em enfermagem frente à primeira instrumentação cirúrgica. Ver Lat-am Enfermagem. 2004;12(6):918-23.

- Cerchiari, E. A. N. (2004). Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários. [em linha]. 2004. [consultado a 25 de Junho de 2011]. Disponível em < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000322336>>.
- Chickering, A. & Reisser, L. (1993). Education and identity. San Francisco: Jossey – Bass.
- Cone, A. & Owens, S. K. (1991). Academic and locus of control enhancement in a freshman study skills and college adjustment course. *Psychological Reports*, 68, 1211-1217.
- Davies, S. M., Rutledge, C. M., & Davies, T. C. (1997). The impact of student learning styles on interviewing skills and academic performance. *Teaching and Learning in Medicine*, 9 (2), 131-135.
- Espiney, L. (1997). Formação inicial/formação contínua de enfermeiros: Uma experiência de articulação em contexto de trabalho. *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, Coleção Ciências da Educação (p. 169-188).
- Fischer, S. (1994). Stress in academic life: The mental assembly line. Buckingham: The Society for Research into Higher Education & Open University Press.
- Fleming, M. (1986). Imaginário adolescente sobre a saída de casa. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 133-141.
- Fontaine. (1989). Reacciones psicológicas a la ansiedad. In: J. S. Cook, & K. L. Fontaine, *Enfermería psiquiátrica*. Madrid: Interamericana.
- Grayson, A. (1993). Accounting for help-seeking: Why are some students reluctant to approach lectures for help? Nottingham: Trent University (Doctoral Dissertation).
- Iwasiw, C.L. & Goldenberg, D. (1993). Peer teaching among nursing students in the clinical area: affects on student learning. *Journal of Advanced Nursing*, 18: 659-668.
- Jones, M. C.; Johnston, D. W. (1997). Distress, stress and coping in first- year student nurses. *Journal Advanced Nursing*, 26, p. 475-482.
- Kleehamer, K., Hart, A. L. & Keck, J. F. (1990). Nursing students perceptions of anxietyproducing situations in the clinical setting. *Journal of Nursing Education*, 29 (4), 183-187.
- Kushnir, T. (1986). Stress and social facilitation. The effects of the presence of an instructor on student nuses' behaviour. *Journal of Advanced Nursing*, 11: 13-19
- Mahat, G. (1996). Stress and coping: first-year Nepalese nursing students in clinical setting. *Journal of Nursing Education*, 35 (4), 163-169.
- Mancini, J. & Col (1983) – *Graduate nursing students and stress*. *Journal of Nursing Education*, 22, 8, 329-334.
- Neto, F. & Barros, J. (2000). Psychosocial concomitants of loneliness among students of Cape Verde and Portugal. *Journal of Psychology*, 134, 503-514.
- Oliveira, C. S. (2000). O stress e coping dos estudantes em estágio e a relação com o cliente – II. *Servir*, 48 (4), 178-184,

- Pagana, K. D. (1990). The Relationship of Hardiness and Social Support of Student Appraisal of Stress in an Initial Clinical Nursing Situation "Journal of Nursing Education" Vol.29 (6), p.255-261.
- Pascarella, E. T. & Terenzini, P. (1998). Studying college students in the 21st century: Meeting new challenges. *The Review of Higher Education*, 21, 151-165.
- Rukholm, E. E., & Viverais, G. A. (1993). A multifactorial study of test anxiety and coping responses during a challenge examination. *Nurse Education Today*, 13, 91-99.
- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized Self-Efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, *Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs* (pp. 35-37). Windsor, UK: NFER-NELSON.
- Silva, D. & Correia, S. – STAI – "O Inventário de Estado-Traço de Ansiedade". 1997.
- Silva, D. R. & Campos, R. (1998). Alguns dados normativos do Inventário de Estado-Traço de Ansiedade Forma Y (STAI) de Spielberger para a População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 33, 71-89.
- Soares, A. P. C. (2003). Transição e adaptação ao Ensino Superior: Construção e validação de um modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário. Dissertação de doutoramento. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Sousa, M.C.M.P. (1999). *Ansiedade nos estudantes de enfermagem em contexto escolar (Vol 1)*. Vila Real: Escola Superior de Enfermagem.
- Spielberger, C. D. & Sydeman, S. J. (1994). State-Trait Anxiety Inventory and State-Trait Anger Expression Inventory. In M. Maruish (Ed.). *The use of psychological tests for treatment planning and outcome assessment* (pp. 292-321).
- Spielberger, C. D. (1983) *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory STAI (Form Y) ("Self Evaluation Questionnaire")*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press.
- Stoynoff, S. (1996). Self-regulated learning strategies of international students: A study of high and low-achievers. *College Student Journal*, 30, 329-336.
- Stone, G. & Archer, J. (1990). College and university counseling centers in the 1990s: Challenge and limits. *The Counseling Psychologist*, 18, 539-607.
- Tinto, V. (1987). *Leaving college: Rethinking the causes and cures of student attrition*. University of Chicago Press.
- Grayson, J. P. (1999). The impact of university experiences on self-assessed skills. *Journal of College Student Development*, 40, 687-699.
- Valadas, A. M. C. F. (1995). *Ansiedade nos estudantes: A experiência dos estágios*. Tese de Mestrado em Ciências de Enfermagem. Lisboa: Universidade Católica.
- Zabalza, M. (2007). *La enseñanza universitaria. El escenario e sus protagonistas*. Madrid: Narcea.
- Zimmerman, B. J. (1998). Academic studying and the development of personal skills: A self-regulatory perspective. *Educational Psychologist*, 33, 73-86.